Introdução ao universo da poesia grega

Paula da Cunha Corrêa

***Lírica Grega, Hoje*, de Trajano Vieira, São Paulo, Perspectiva, 2017, 120 pp.**

Se traduções das obras gregas antigas para o português já são poucas, havendo ainda muito por traduzir, mais raras ainda são as de lírica grega, entendendo-se "lírica", como a maioria da crítica, no sentido largo do *corpus* de poesia que não é estritamente épica nem dramática. Assim, versões brasileiras e portuguesas de poesia grega são sempre bem-vindas, sobretudo quando resultam de uma longa experiência em leitura e tradução, como a de Trajano Vieira.

Lírica Grega, Hoje vem suprir uma lacuna na profícua obra de Trajano Vieira, que *transcriou*, como ele prefere dizer, nada menos do que 13 tragédias[1], três comédias[2], a *Odisseia* de Homero[3] e que ainda organizou os dois volumes de tradução da *Ilíada* por Haroldo de Campos[4], de quem foi professor de grego. Esta nova antologia da Editora Perspectiva conta com uma introdução em que Trajano narra, em tom de memorial, a história de seu interesse pela literatura grega e, em particular, pela lírica

1 *Hipólito*, São Paulo, Editora 34, 2015; *As Traquínias*, São Paulo, Editora 34, 2014; *Héracles*, São Paulo, Editora 34, 2014; *Os Persas de Ésquilo*, São Paulo, Perspectiva, 2013; *Medeia*, São Paulo, Editora 34, 2010; *Antígone de Sófocles*, São Paulo, Perspectiva, 2009; *Electra(s)*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2009; *Filoctetes*, São Paulo, Editora 34, 2009; *Agamêmnon de Ésquilo*, São Paulo, Perspectiva, 2007; *Édipo em Colono de Sófocles*, São Paulo, Perspectiva, 2005; *As Bacantes de Eurípedes*, São Paulo, Perspectiva, 2003; *Édipo Rei de Sófocles*, São Paulo, Perspectiva, 2007.

2 *As Rãs*, São Paulo, Cosac Naify, 2014; *Lisístrata e Tesmoforiantes de Aristófanes*, São Paulo, Perspectiva, 2011.

3 *Odisseia*, São Paulo, Editora 34, 2011. Da *Ilíada*, Trajano ainda publicou a tradução dos dois primeiros cantos em: *Os Nomes e os Navios*, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999; e *Menis, a Ira de Aquiles – Canto I da Ilíada de Homero*, São Paulo, Nova Alexandria, 1994.

4 Organização: *Ilíada de Homero – Volume I*, traduzido por Haroldo de Campos, São Paulo, Mandarim, 2001; *Ilíada de Homero – Volume II*, São Paulo, Arx, 2002.

PAULA DA CUNHA CORRÊA é professora associada de Língua e Literatura Grega da FFLCH-USP e autora de, entre outros, *Armas e Varões: A Guerra na Poesia de Arquíloco* (Edunesp).

grega, à qual fora introduzido por Francisco Achcar e Haroldo de Campos. São esses os seus mestres de poesia, aos quais Trajano faz homenagem a partir do título de sua antologia, *Lírica Grega, Hoje,* que evoca "Píndaro, Hoje", um artigo de Haroldo publicado em *A Arte no Horizonte do Provável* (São Paulo, Perspectiva, 1969). Na introdução, Trajano elucida o seu método de trabalho, os objetivos da antologia e, por fim, traça brevemente as características da lírica grega arcaica. A seguir, o autor apresenta as suas transcriações de fragmentos de Arquíloco, Semônides, Mimnermo, Álcman, Alceu, Safo, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Hipônax e Simônides, reunindo célebres poemas jâmbicos, elegíacos e mélicos que teriam sido compostos entre o sétimo e o quinto século a. C.

Logo de início, Trajano observa:

"As traduções que apresento a seguir procuram oferecer ao leitor que ignora o grego um gosto do original. [...] A tradução de poesia deve relevar o prazer estético do leitor, o prazer despertado pelo jogo de palavras. Se o resultado é bem-sucedido ou não são outros quinhentos, mas o projeto deve contar, fazer alguma diferença. Se pelo menos esse gesto tradutório for reconhecido pelo leitor das páginas que seguem me darei por satisfeito" (pp. 13-4).

Assim, Trajano pode se dar por satisfeito, porque dificilmente o seu projeto escapará aos leitores. E quem porventura conhecer os textos originais gregos (embora não seja a esse público que o livro, primeiramente, se destine) reconhecerá as operações do tradutor: o que ele perde e ganha em suas soluções felizes e bem-sucedidas. Vejam, por exemplo, esta versão de Álcman, poeta do séc. VII a. C. (Fr. 89 *PMGF*):

"Os cimos das montanhas dormem
[e as ravinas,
os vórtices e os istmos,
espécimes serpeantes comedoras
de terra negra,
bestas montesas e a estirpe das abelhas,
monstros no mais profundo mar de púrpura,
dormem espécimes de aves longialadas".

Os mesmos versos de Álcman, *transcriados* acima por Trajano (p. 61), já haviam inspirado em 1780 *Über allen Gipfeln ist Ruh'*, um dos mais conhecidos poemas de Goethe:

"Über allen Gipfeln
Ist Ruh',
In allen Wipfeln
Spürest Du
Kaum einen Hauch;
Die Vögelein schweigen im Walde.
Warte nur! Balde
Ruhest du auch"[5].

Como a maioria dos versos selecionados por Trajano para compor a antologia estão entre os mais célebres de cada poeta, este livro será de interesse não apenas para quem busca uma introdução à lírica grega antiga, mas também para quem lê os poetas que mais tarde dialogaram de alguma forma com essa tradição. Pois a poesia grega antiga é

5 "Sobre os picos/ Paz./ Nos cimos/ Quase/ Nenhum sopro./ Calam aves nos ramos./ Logo – vamos –/ Virá o repouso" (trad. Haroldo de Campos).
"Em todos os cumes:/ Sossego./ Em todas as copas/ Não sentes/ Um sopro, quase./ Os passarinhos calam-se na mata./ Paciência, logo/ Sossegarás também." Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho.

fundamental para a compreensão tanto dos poetas "herdeiros" da tradição clássica e que lhe deram certa continuidade, quanto daqueles que, em deliberada ruptura, propuseram algo diverso face aos modelos antigos.

Ao reunir importantes fragmentos que nos restaram do período arcaico da literatura grega, este livro oferece também a historiadores algumas das mais antigas ocorrências de metáforas e imagens que tiveram longa fortuna no pensamento ocidental, tornando-se *tópoi*, lugares-comuns da literatura europeia. Por exemplo, segundo Heráclito (*Alegorias Homéricas* 5, 1-2), Alceu, poeta de Lesbos do sexto século a. C., teria desenvolvido nos seguintes versos a alegoria da "Nau do Estado" (Fr. 208 V)[6]:

"Escapa-me à compreensão o
[levante dos ventos.
Ondas de ambos os lados
se arredondam,
no centro nos conduz a nave negra,

inquietos (para dizer pouco) com o tamanho
da tempestade.
O abísmeo aguaçal já encobre meio mastro,
a vela, toda ela, coa a luz,
e os rasgos nela são enormes,

enxárcias que se afrouxam...
timões...
os dois pés...

incertos no calabre...
salvo
por um triz".

6 É possível que a imagem da "Nau do Estado" tenha sido desenvolvida antes, porém, e figure no 7º século a. C. nos fragmentos 105 e 106 *IEG* de Arquíloco de Paros.

Embora na introdução Trajano defina o seu público-alvo como o "que ignora o grego", ele ainda esclarece: "Ao realizar o trabalho, tive em mente o leitor que, como eu, convive com a poesia" (p. 14), e justifica a sua recusa de traduções acadêmicas ou literais que, a seu ver, são em geral "pesadas" e "limitadas" (pp. 12-3). De fato, muitas versões acadêmicas são nada mais que paráfrases maçantes. No entanto, todas as traduções, sejam elas acadêmicas, poéticas ou *transcriativas*, têm limitações. E por serem diversas em seus objetivos, cada uma delas, quando bem realizada, possui um valor próprio e específico. Mas justiça seja feita: se Trajano não poupa críticas às traduções literais, ele também não deixa de recomendar abordagens que sejam diversas à dele, como, por exemplo, a antologia de Giuliana Ragusa (*Lira Grega,* São Paulo, Hedra, 2013), que ele indica "ao leitor interessado em conhecer diferentes perspectivas de análise" (p. 27, n. 9). Por outro lado, já é mais raro encontrar em obras acadêmicas (teses, antologias e estudos) referências às versões poéticas de Álcman, Safo, Alceu e Mimnermo, publicadas por Haroldo de Campos em *Crisantempo* (São Paulo, Perspectiva, 1998), ou ainda às de Safo, em *31 Poetas, 214 Poemas: Do Rigveda e Safo a Apollinaire,* de Décio Pignatari (São Paulo, Companhia das Letras, 2007)[7].

Hoje, poucos leem literatura. Menor ainda é o público leitor de poesia. Se grande parte

7 Uma notável exceção é a antologia de Paulo Martins (*Antologia de Poetas Gregos e Latinos; Monódica e Coral, Jâmbica, Polímetra e Elegíaca*, 2010), material didático organizado para alunos de graduação em Letras-USP (principalmente para a disciplina obrigatória Introdução aos Estudos Clássicos do ciclo básico), que inclui versões do latim por Mário Faustino, Nelson Ascher e Haroldo de Campos.

dos leitores de *Lírica Grega, Hoje* será de estudantes e professores, provavelmente universitários, é uma pena que o livro não os contemple mais, facilitando o acesso aos originais gregos. Não digo fazer uma edição bilíngue, que, além de mais cara, alguns editores alegam assustar o público leigo. Bastaria informar os números dos fragmentos e as edições. Se números diante dos versos atrapalham o projeto gráfico, eles poderiam ser arrolados em breve índice ou apêndice. Entretanto, a publicação de traduções sem a numeração dos fragmentos é prática comum em antologias de versões poéticas ou criativas dos líricos gregos antigos, pois é certo que os autores esperam que os seus versos tenham valor em si e independam, de certo modo, dos originais.

Como Trajano Vieira bem explica na introdução, a maioria dos poemas líricos gregos antigos chegou a nós em estado bastante fragmentário. Coube a gerações de editores, ao longo dos séculos, resgatar em obras de prosadores (filósofos, retores, historiadores, médicos, gramáticos, lexicógrafos, metricistas, mitógrafos, etc.) citações de palavras isoladas, locuções, versos e muito raramente um poema completo; ou ainda destrinchar dos versos de outros poetas o que seria uma cita, paráfrase ou paródia de poemas mais antigos ou contemporâneos. Além desses fragmentos que dizemos terem sido transmitidos por "via indireta", isto é, em citas, referências ou apropriações, há ainda os papiros encontrados no Egito que, até recentemente, têm nos surpreendido com novidades e, com menor frequência, são descobertos na Grécia fragmentos de poemas inscritos em lápides e monumentos de mármore.

Originalmente os poemas líricos gregos arcaicos, de menor extensão que as epopeias, tragédias e comédias, não eram intitulados. Foram editores modernos que organizaram o que deles nos restou segundo convenções que remontam aos alexandrinos, conforme o metro e/ou os subgêneros poéticos, e enumeraram os fragmentos para a conveniência daqueles que os estudam. A ordem desses textos, dentro das subdivisões métricas, ainda pode variar conforme a leitura de cada editor, segundo as "narrativas" que cada um constrói a partir dos próprios fragmentos e dos testemunhos antigos. Como há, portanto, divergências entre as edições modernas dos poetas líricos, os editores incluem, para facilitar o cotejamento dos textos, tabelas de correspondências numéricas.

Lírica Grega, Hoje é uma antologia pessoalíssima. Não sabemos de quais edições modernas o autor se serviu para *transcriar* os fragmentos de cada poeta (e há, por vezes, diferenças notáveis entre elas). Os poetas gregos são ordenados cronologicamente, mas os fragmentos de cada um, não enumerados, aparecem em sequência aparentemente aleatória. O que dita essa organização? Arrisco-me a sugerir que a disposição segue o bel-prazer do *transcriador*: os fragmentos mais célebres, ou talvez os mais "inteiros", ou simplesmente os que o autor considera melhores, ou as suas *transcriações* mais bem-sucedidas, abrem cada capítulo. Tal critério é válido, aliás, como qualquer outro, e parece ter norteado também a própria seleção dos fragmentos traduzidos.

Como não cabe comentar detalhadamente o livro inteiro em uma resenha, limito-me, como exemplo, apenas ao exame das *transcriações* de Arquíloco: o primeiro poeta da antologia e o mais antigo dentre os líricos gregos cujos versos nos restaram. Nas edições acadêmicas, os fragmentos de Arquí-

loco são dispostos conforme o metro: elegias, trímetros jâmbicos, tetrâmetros trocaicos e epodos. *Lírica Grega, Hoje* inicia-se com versões do que, em Arquíloco, são dois tetrâmetros trocaicos (fr. 122 e 128 *IEG*), seguidos por uma elegia (fr. 13 *IEG*), por um trímetro jâmbico (fr. 23 *IEG*) e depois outra elegia (fr. 4 *IEG*). A resposta simples e evidente para o fato de os textos nesta antologia não seguirem a ordem tradicional é que as *transcriações* não procuram reproduzir a métrica original. Portanto, a disposição conforme o ritmo grego não faria sentido, a não ser para facilitar a vida de quem quisesse cotejar os versos de Trajano com os originais. Mas a ordem dos fragmentos em *Lírica Grega, Hoje* tampouco parece criar uma sequência temática ou construir possíveis narrativas.

Certos versos de Arquíloco, embora considerados por alguns editores e comentadores como parte de um só poema, são publicados sob números distintos por não haver evidência suficiente de que constituíssem, originalmente, uma unidade. Entre esses estão os fragmentos 30 e 31 *IEG, transcriados* por Trajano (p. 35) como um poema só:

"Aprazia ao reter
o ramo de mirto
e a bela flor da rosa...
Os cabelos sombreavam
Úmeros e ombros".

Os fragmentos 193 e 104, ainda na página 35:

"Jazo em desgraça em meu querer exânime:
a dor da angústia me perfura a ossatura.
Os deuses sentenciam".

Os fragmentos 21 e 22 *IEG* (p. 37):

"Como o dorso de um asno se ergue a ilha.
Recobre-a a selva tosca. Seu espaço
É sem beleza, sem prazer, sem charme,
Avesso ao que se encontra em rios de Síris".

Os fragmentos 179 e 180 *IEG* (p. 43):

"Serviu ao filhos a fatal comida:
áscua de fogo, no entremeio dela".

E ainda os fragmentos 196 e 215 *IEG* (p. 43):

"[...] senão que a mim, amigo,
[a membrirrelaxante
volição me domina e não estou aí
para divertimentos ou poesia".

Todas as ressalvas apontadas acima podem ser descartadas como picuinhas que só interessam a acadêmicos fastidiosos. Mas talvez fosse o caso de alertar o leitor de que os dois extensos poemas *transcriados* nas páginas 38 e 39 da antologia e que começam por "Só uma coisa Cápus ama de paixão [...]" e "A mente de um devasso e de uma puta estroina [...]" (fr. 327 e 328 *IEG*) são considerados espúrios pela crítica moderna[8], imitações de Arquíloco forjadas no século XVII, mesmo no caso de o autor julgá-los legítimos.

Um outro detalhe, aparentemente irrelevante, pode ter consequências significativas. Como observamos, a introdução de *Lírica Grega, Hoje* esclarece bem a forma em que

8 Cf. G.Tarditi, "Due Carmi Giambici di uno Ps-Archiloco", in *Rivista* di *Cultura Classica e Medioevale*, 3, 1961, pp. 311-6.

esses textos nos chegaram, seja porque a fonte citou apenas algumas palavras ou versos incompletos, seja porque o papiro está ilegível ou danificado. Muitas vezes essas lacunas são assinaladas nas traduções de Trajano com reticências, mas nem sempre. Nesses últimos casos[9], a ausência de reticências pode dar ao leitor uma falsa ideia de completude. Acrescenta-se a isso o fato de alguns versos apresentarem um caráter mais universal do que originalmente possuíam devido a recortes operados já na Antiguidade por aqueles que preservavam para fins diversos apenas partes dos poemas. Tal é o caso dos versos de Arquíloco com os quais a antologia se inicia (fr. 122 *IEG*), na bela e concisa *transcriação* de Trajano:

"Nada é espantoso, inesperado ou impossível,
desde que Zeus, procriador da estirpe
[olímpica,
fez noite ao meio-dia ao ocultar a lâmpada
do sol. E o úmido temor domou os homens.
E tudo então tornou-se crível e possível.
Ninguém fique espantado caso aviste feras
trocando com delfins o páramo marinho
e as ôndulas ecoantes tenham mais valor
que o continente, e o bosque agrade
[aos delfins".

Esses nove versos do século VII a. C., incluídos por Estobeu (a quem devemos o registro de muitos fragmentos líricos supérstites) em sua antologia no capítulo sobre "a esperança" ou "expectativa"[10] no século V d. C., pareciam constituir um poema completo. Foi graças à descoberta de um papiro de Oxirinco (POxy 2313 fr.1ª) no Egito, e a sua identificação por Lobel em 1954 como parte desse poema de Arquíloco, que viemos a saber que o poema transmitido por Estobeu continuava, no mínimo, por mais oito versos. No que restou desses oito versos subsequentes lê-se parte de um patronímico ("Ar]quenáctida", v. 10), referência a um "filho" ou uma "filha" (v. 11), "bodas" (v. 12) e talvez "ho]mens" (v. 16). E o que se depreende desses resquícios no papiro, por mais insignificantes que nos pareçam, é relevante para a leitura do poema.

Um passo de Heródoto (5. 92a) foi considerado por alguns críticos uma "imitação" desse poema de Arquíloco. Trata-se do discurso de Sócles de Corinto, para quem a introdução da tirania na Lacedemônia seria uma "aberração" na ordem da cidade que levaria à inversão dos elementos no universo:

"Certamente o céu ficará sob a terra e a terra, alta, sobre o céu, os homens farão morada no mar e os peixes terão a que antes era dos homens quando vós, ó lacedemônios, dissolvendo o governo dos iguais, estiverdes preparados para introduzir nas cidades a tirania, não havendo entre os homens nada mais injusto nem mais ávido por sangue".

Para o historiador, a ruptura na ordem social acarreta a inversão dos elementos naturais (céu/terra) e dos hábitats, ambas projetadas no futuro.

É verossímil que houvesse também em Arquíloco um nexo implícito entre o eclipse e o comportamento humano, pois Aristóteles (*Rh*. 3.17.1418b28) diz que, neste poema,

9 Fragmentos 122 *IEG* (p. 31), 4 *IEG* (p. 33), 48 *IEG* (p. 35), 188 *IEG* (p. 37).

10 Estobeu (4. 46. 10). Outras fontes desses fragmentos são Aristóteles (*Rh.* 3.17.1418b28), que cita apenas um verso com referência às "provas éticas", e há uma referência ao poema em Plutarco (*de facie lun.* 19.931e).

um pai censurava a conduta de sua filha. O eclipse narrado nos primeiros nove versos apresenta uma inversão na ordem da natureza ocasionada por Zeus e, depois, o narrador ("o pai", segundo Aristóteles) afirma que "nada é espantoso, inesperado ou impossível crer", provavelmente com relação a uma reviravolta na esfera humana, talvez com relação às bodas da filha (versos 11-12).

Uma característica da lírica grega arcaica é o recurso a imagens, máximas, frases morais ou generalizantes que não possuem interesse "em si", não aparecem isoladas, mas servem aos poetas como expedientes para enquadrar um fato ou acontecimento particular – como, aparentemente nesse caso, o comportamento de uma filha – na ordem universal dos costumes ou da natureza física. Assim, o recorte operado por Estobeu (se é que ele tinha acesso aos demais versos) eliminou quase metade do poema, talvez mais. Isso porque Estobeu conserva, dos textos que cita, apenas o que lhe interessa. No caso, era o tema da "esperança/expectativa". Os versos preservados desenvolvem a imagem do "mundo às avessas" que se tornou, mais tarde, um "lugar-comum" na literatura ocidental. Mas esse corte suprimiu do poema de Arquíloco os versos que particularizam e aplicam a um evento específico da vida humana (o rompimento de bodas?) um acontecimento na esfera da natureza (o eclipse), e esse é um traço importante da poética grega arcaica.

Dessa forma, é possível supor que muito da poesia lírica grega antiga que hoje soa gnômica, filosófica, por seu carácter universal, na verdade nos dá essa falsa ideia por causa de seu modo de transmissão, em Estobeu e outros. De modo comparável, hoje sabemos que as estátuas e os monumentos gregos, que inspiraram pintores e escultores desde o Renascimento, não refletiam, originalmente, a brancura do mármore, pois eram revestidos de cores vivas e variadas: pigmentos azuis, amarelos, verdes, vermelhos, rosa, dourados e marrons, que se perderam com o tempo.

Vê-se, portanto, que detalhes são relevantes, e quando se resgata algo perdido na transmissão ou tradução, é também possível recuperar, embora em outra escala e de modo diverso, elementos da poética arcaica. É inegável, porém, que nenhum comentário se compara a uma boa versão quando se trata de introduzir leitores no universo da poesia grega, e este certamente será o grande mérito deste livro.